



Saúde Coletiva:

Solução de Problemas e
Qualificação do Profissional 2

Edson da Silva
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2020



Saúde Coletiva:

Solução de Problemas e
Qualificação do Profissional 2

Edson da Silva
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dr. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliariari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremonesi
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Edson da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T776 Saúde coletiva: solução de problemas e qualificação do profissional 2 / Organizador Edson da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-630-0

DOI 10.22533/at.ed.300200112

1. Saúde pública. 2. Política de saúde. 3. Saúde coletiva. I. Silva, Edson da (Organizador). II. Título.

CDD 362.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A obra “Saúde Coletiva: Solução de Problemas e Qualificação do Profissional” aborda alguns limites, desafios e potencialidades na formação profissional no âmbito da saúde coletiva. A coletânea reuniu trabalhos de autores de diversas especialidades, foi estruturada com 42 capítulos e organizada em dois volumes.

Com 20 capítulos, o volume 2 reúne trabalhos multiprofissionais que abordam temas variados de pesquisas, relatos de experiências, ensaios teóricos e revisões da literatura. Nesse volume você encontra atualidades em diversas áreas relacionadas à saúde coletiva.

Deste modo, a obra Saúde Coletiva: Solução de Problemas e Qualificação do Profissional apresenta trabalhos científicos baseados nos resultados obtidos por pesquisadores, profissionais e acadêmicos de diversos campos de atuação da saúde coletiva. Espero que as vivências compartilhadas nessa coletânea contribuam para o enriquecimento da formação universitária e da atuação profissional nesta área da saúde. Agradeço aos autores que tornaram essa edição possível e desejo uma ótima leitura a todos.

Prof. Dr. Edson da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A AÇÃO DO MEDICAMENTO ISOTRETINOINA NO TRATAMENTO DA ACNE VULGAR

Nadynne Mota Nunes
Thalicely Alves Gomes
Jaqueline Almeida Frey

DOI 10.22533/at.ed.3002001121

CAPÍTULO 2.....11

ALTERAÇÕES CROMOSSÔMICAS EM PACIENTES COM SUSPEITA DE DISTÚRBIOS GENÉTICOS ATENDIDOS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Cleiton Fantin
Ananda Larise Colares Menezes
Sabrina Macely Souza dos Santos
Vânia Mesquita Gadelha Prazeres
Denise Corrêa Benzaquem

DOI 10.22533/at.ed.3002001122

CAPÍTULO 3..... 22

ALTERAÇÕES NO NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA, SAÚDE PERCEBIDA E ESTADO NUTRICIONAL APÓS DOIS ANOS NO PROGRAMA ACADEMIA DA CIDADE

José Jean de Oliveira Toscano
Adriano Akira Ferreira Hino
Antônio Cesar Cabral de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3002001123

CAPÍTULO 4..... 36

AS DIRETIVAS ANTECIPADAS DE VONTADE E A TERMINALIDADE NA PERSPECTIVA DOS CÓDIGOS DE ÉTICA DA SAÚDE

Elizabeth Pimentel da Silva
Rafael Esteves Frutuoso
Cristiane Maria Amorim Costa

DOI 10.22533/at.ed.3002001124

CAPÍTULO 5..... 48

BEBIDA VEGETAL DE CASTANHA-DO-BRASIL ENRIQUECIDA COM PROTEÍNA DE ERVILHA

Maitê de Magalhães Hartmann
Cláudia Krindges Dias
Valmor Ziegler

DOI 10.22533/at.ed.3002001125

CAPÍTULO 6..... 58

CENÁRIO DOS CUSTOS DAS DIÁRIAS HOSPITALARES EM TERAPIA INTENSIVA NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: UMA ANÁLISE DA CIDADE DE

SÃO PAULO

Adam Carlos Cruz da Silva

Denise Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.3002001126

CAPÍTULO 7..... 75

CONHECIMENTO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM FRENTE AO ALEITAMENTO MATERNO EM UM MUNICÍPIO DO SUL DO BRASIL

Amanda Martins

Tatiane Silva Guilherme

Fernanda de Jesus Teixeira

Kelly Holanda Prezotto

Carolina Fordellone Rosa Cruz

DOI 10.22533/at.ed.3002001127

CAPÍTULO 8..... 95

CONHECIMENTO E PRÁTICA DE PESSOAS COM DIABETES *MELLITUS* TIPO 2 ACERCA DOS CUIDADOS COM OS PÉS

Emanuely Andreza Santos Araújo Vaz

Simone Maia da Silva

Dayanna da Rocha Martins

Ana Carolina Santos Cândido

DOI 10.22533/at.ed.3002001128

CAPÍTULO 9..... 105

DESCRIÇÃO DO PERFIL DO ATENDIMENTO ANTIRRÁBICO NA ÁREA DESCENTRALIZADA DE SAÚDE DE LIMOEIRO DO NORTE

Vanuza Cosme Rodrigues

Thalita Soares Rimes

Cristianne Soares Chaves

Maria de Fátima Costa

Fabiola Maria de Girão Lima

Mere Benedita do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.3002001129

CAPÍTULO 10..... 118

ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS PARA PESSOAS COM ESTOMIA INTESTINAL: REVISÃO INTEGRATIVA

Adriana Rodrigues Alves de Sousa

Danuza Ravena Barroso de Souza

Deborah Coelho Campelo

Filipe Augusto de Freitas Soares

Luciana Catunda Gomes de Menezes

Paulo Sérgio Dionísio

Sara Machado Miranda

Tamires Barradas Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.30020011210

CAPÍTULO 11..... 133

ESTRESSE DOS ENFERMEIROS QUE ATUAM NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: PRÁTICAS E AÇÕES PREVENTIVAS

Leidiléia Mesquita Ferraz
Jusselene da Graça Silva
Iara de Oliveira Pigozzo
Paula Melo Pacheco
Áurea Cúgola Bernardo
Jaqueline Ferreira Ventura Bittencourt
Ana Claudia Sierra Martins

DOI 10.22533/at.ed.30020011211

CAPÍTULO 12..... 143

MINHA VIDA DÁ UM LIVRO: ESCUTA SENSÍVEL E PRODUÇÃO DE VIDA

Samira Lima da Costa
Beatriz Akemi Takeiti
Ana Luisa Rocha Mallet
Alexandre Schreiner Ramos da Silva
Sílvia Barbosa de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.30020011212

CAPÍTULO 13..... 161

MOTIVAÇÕES PARA ESCOLHA E PERMANÊNCIA NA GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA: PERSPECTIVA DE EGRESSOS, MATO GROSSO

Everton Rossi
Reni Barsaglini

DOI 10.22533/at.ed.30020011213

CAPÍTULO 14..... 176

PACIENTES ONCOLÓGICOS E PLANOS DE SAÚDE NO BRASIL

Fernanda Fagundes Veloso Lana
Juliana Macedo Bauman

DOI 10.22533/at.ed.30020011214

CAPÍTULO 15..... 186

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE CÂNCER EM MUNICÍPIO DE PEQUENO PORTE DO SUL DO BRASIL

Daniela dos Reis Bueno
Renata Gomes Chaves
Natália Maria Maciel Guerra Silva
Carolina Fordellone Rosa Cruz

DOI 10.22533/at.ed.30020011215

CAPÍTULO 16..... 198

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE DO TRABALHADOR NA ATENÇÃO BÁSICA

Mariana Medrado Martins

Brenda Santana Almeida
Maísa Miranda Coutinho
Lohana Guimarães Souza
Grasiely Faccin Borges
Maria Luiza Caires Comper

DOI 10.22533/at.ed.30020011216

CAPÍTULO 17..... 210

PROJETO UFMT XINGU: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Douglas Yanai
Anna Letícia Sant'Anna Yanai
Duarte Antônio de Paula Xavier Fernandes Guerra
Izabella Andrade Santos
Júlia Serpa Vale
Maria Clara Martins de Araújo
Oder Banhara Duarte
Pollyanna da Silveira Rodrigues
Renata Pedroso Chimello
Vilian Veloso de Moura Fé
Vitória Paglione Balestero de Lima

DOI 10.22533/at.ed.30020011217

CAPÍTULO 18..... 220

PROPRIEDADES SENSORIAIS E NUTRICIONAIS DE CUPCAKES PREPARADOS COM DIFERENTES EDULCORANTES NATURAIS EM SUBSTITUIÇÃO A SACAROSE

Vanessa Leppa Florêncio
Cibele Pinz Muller
Valmor Ziegler

DOI 10.22533/at.ed.30020011218

CAPÍTULO 19..... 234

PROTEÇÃO RADIOLÓGICA OCUPACIONAL NO SERVIÇO DE HEMODINÂMICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Francisco de Assis Ribeiro Castro
Danielle Climaco Marques
Breno Wanderson Lopes Visgueira
Antonio Ricardo Santos
Ednaldo Francisco Santos Oliveira Junior
Herculys Douglas Clímaco Marques

DOI 10.22533/at.ed.30020011219

CAPÍTULO 20..... 246

SAÚDE MENTAL DO EMPRESÁRIO: UMA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE OS PREJUÍZOS EMOCIONAIS DO PROGRESSO NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Kelly Souza Maia
Gilmara Nascimento Vieira

Thyanne Branches Pereira

DOI 10.22533/at.ed.30020011220

SOBRE O ORGANIZADOR.....	259
ÍNDICE REMISSIVO.....	260

CAPÍTULO 12

MINHA VIDA DÁ UM LIVRO: ESCUTA SENSÍVEL E PRODUÇÃO DE VIDA

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 16/10/2020

Samira Lima da Costa

Professora do curso de graduação em Terapia Ocupacional e do Programa de Pós- graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - UFRJ
Terapeuta ocupacional, Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - UFRJ
<http://lattes.cnpq.br/1253895144833105>

Beatriz Akemi Takeiti

Professora do curso de graduação em Terapia Ocupacional e do Programa de Pós- graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - UFRJ
Terapeuta ocupacional, Doutorado em Psicologia Social – PUC-SP
<http://lattes.cnpq.br/7350700223254990>

Ana Luisa Rocha Mallet

Médica da Coordenação de Políticas de Saúde do Trabalhador e do Núcleo de Bioética e Ética Aplicada - UFRJ
Doutorado em Cardiologia - UFRJ
<http://lattes.cnpq.br/4882184753460589>

Alexandre Schreiner Ramos da Silva

Médico da Coordenação de Políticas de Saúde do Trabalhador - UFRJ
Doutorando em Filosofia/Ética - UFRJ
<http://lattes.cnpq.br/7022622384763596>

Silvia Barbosa de Carvalho

Psicóloga da Coordenação de Políticas de Saúde do Trabalhador - UFRJ
Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – UFRJ
<http://lattes.cnpq.br/5837383252387336>

RESUMO: Este ensaio reflete experiências de produção de narrativas a partir de uma escuta sensível de suas narradoras/es como parte do projeto “Minha Vida dá um Livro”. O “Minha Vida dá um Livro” organiza-se como eixo de ações voltadas para o ensino, a pesquisa e a extensão, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, envolvendo os cursos de Terapia Ocupacional, Medicina e Fonoaudiologia da faculdade de Medicina, o Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social do Instituto de Psicologia e a Coordenação de Políticas de Saúde do Trabalhador. A produção de narrativas tem invariavelmente se mostrado potente no entendimento de acontecimentos na vida, tanto daquele/a que conta quanto daquele/a que ouve. Assim, trazemos autores/as que discutem sobre a produção de narrativas como intervenção em saúde e aqueles/as que partem do resgate da memória e da cultura produzida a partir da oralidade. Relatamos experiências e compartilhamos narrativas produzidas em contextos distintos com narradores/as diversos/as: comunidades tradicionais, jovens de periferia, pacientes e servidores/as públicos. Compreendemos os processos de produção de narrativas de memória de vida como facilitadores de um movimento necessário à dinâmica entre

Caos (desordem) e Cosmos (organização) enquanto apostas que se constroem *num continuum*, a partir de movimentos de crise e organização dos diferentes universos que compõem a vida e a história dos sujeitos. O “Minha Vida dá um Livro” é, portanto, um convite a olhar na direção do outro que, muitas vezes se apresenta fragmentado, fagocitado pelas engrenagens hegemônicas do pensamento. A produção de narrativas, ao mesmo tempo em que nos possibilita o diálogo com a formação acadêmica, produzindo novas tecnologias, também nos convoca à não conformidade com os discursos totalitários, nos fazendo, cotidianamente, olhar a vida e o trabalho na universidade como potências criadoras de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas em saúde; produção de narrativa; memória; experiência.

MY LIFE GIVES A BOOK: SENSITIVE LISTENING AND LIFE PRODUCTION

ABSTRACT: This essay reflects experiences of narrative production from a sensitive listening of their narrators/es as part of the project “My Life Gives a Book”. “Minha Vida dá uma Livro” is organized as an axis of actions focused on teaching, research and extension, at the Federal University of Rio de Janeiro, involving the courses of Occupational Therapy, Medicine and Speech Therapy of the Faculty of Medicine, the Graduate Program in Community Psychosociology and Social Ecology of the Institute of Psychology and the Coordination of Occupational Health Policies. The production of narratives has invariably proved powerful in understanding events in life, both of the one who counts and the one who listens. Thus, we bring authors who discuss the production of narratives as an intervention in health and those who start from the rescue of memory and culture produced from orality. We report experiences and share narratives produced in different contexts with diverse narrators: traditional communities, young people from the periphery, patients and public servants. We understand the processes of production of narratives of life memory as facilitators of a movement necessary to the dynamics between Chaos (disorder) and Cosmos (organization) as bets that are built on a continuum, from crisis movements and organization of the different universes that make up the life and history of the subjects. “My Life Gives a Book” is therefore an invitation to look in the direction of the other that, many times, presents to us fragmented, phagocyted by the hegemonic gears of thought. The production of narratives, while enabling us to dialogue with academic formation, producing new technologies, also calls us to non-conformity with totalitarian discourses, making us, daily, look at life and work at the university as powerful for creation of meanings.

KEYWORDS: Health narratives; narrative production; memory; experience.

INTRODUÇÃO

O projeto “Minha Vida dá um Livro” organiza-se como eixo de ações voltadas para o ensino, a pesquisa e a extensão, na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, envolvendo os cursos de Terapia Ocupacional, Medicina e Fonoaudiologia

da faculdade de Medicina, o Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social do Instituto de Psicologia e a Coordenação de Políticas de Saúde do Trabalhador - CPST. O projeto busca, através de uma escuta sensível, a produção de narrativas, numa coprodução entre o narrador/a e aquele/a que escuta a narrativa. Entendemos que essa parceria torna rica e potente a escritura de uma história/evento que só existe até o momento de forma desarticulada e fluida na mente do/a narrador/a. Pensar nossa história, conversar sobre ela, vê-la da maneira que foi apreendida e retratada por uma outra pessoa, permite emergir um outro olhar sobre o que foi relatado e possibilita uma releitura. Nos estudos de narrativa e na experiência do projeto, este tipo de produção tem invariavelmente se mostrado potente no entendimento de acontecimentos na vida, tanto daquele/a que conta quanto daquele/a que ouve.

Neste capítulo apresentaremos alguns dos referenciais teóricos que têm nos amparado nesse trabalho e também o relato de nossas experiências em diferentes ambientes nos quais temos desenvolvido ações do “Minha Vida dá um Livro”.

O USO DA NARRATIVA COMO INSTRUMENTO NA PESQUISA E NA INTERVENÇÃO

O uso da narrativa na pesquisa e na intervenção tem funcionado tanto como ferramenta metodológica quanto como dispositivo teórico, na medida em que narrador/a e ouvinte/escrita se encontram para (re)criar uma história narrada.

O uso da narrativa livre da memória foi utilizado como instrumento de coleta de informações em pesquisas empíricas e na assistência durante muito tempo, tendo aos poucos perdido sua validade e reconhecimento científico, como descrevem Sarlo (2007) e Frochtengarten (2005). Com a pretensa objetivação da pesquisa, e também pretensa neutralização do/a pesquisador/a frente ao “objeto” pesquisado, a narrativa foi ao longo dos séculos sendo transformada em conteúdo cujo registro buscase ser reconhecido “cientificamente”, gerando inúmeras sistematizações, que vão desde o questionário até várias formas de estruturas de entrevista, perdendo assim seu formato livre.

Apesar disso, a narração livre das próprias memórias parece receber “(...) um reconhecimento crescente como uma organizadora central do conhecimento e da existência do ser humano” (FERREIRA, 2007, p. 21). Assim, as histórias narradas ajudam no processo de organização sensível e atenta das informações, tanto para o/a ouvinte quanto para o/a narrador/a.

- **Contar para “organizar as ideias”**

Pennebaker, pesquisador americano de psicologia social, investiga há

alguns anos a produção de narrativas como elemento terapêutico, discutindo o efeito organizador que as narrativas de memórias traumáticas podem produzir. Para este autor, a produção de narrativas ajuda as pessoas a reorganizarem seus pensamentos e sentimentos sobre experiências traumáticas e criar narrativas mais coerentes e significativas sobre os acontecimentos em suas vidas, concluindo que “As histórias contadas e ouvidas neste contexto carregam o peso da partilha de experiência, a potência emocional do sofrimento comum, e aparecem como via de aprendizagem social (DAVISON, PENNEBAKER e DICKERSON, 2000, p. 208, *trad livre*). Pesquisou também, com outros colaboradores, a narrativa escrita a respeito de situações traumáticas. Eles identificaram que “escrever sobre temas emocionais auto-relevantes tem uma vasta gama de benefícios para a saúde mental e física: “Uma explicação atraente para esse fenômeno é que a escrita facilita “fazer-história” - a capacidade de fazer histórias coerentes e com sentido na vida de alguém - e é formar uma boa história que promove os benefícios da saúde” (PENNEBAKER, GRAYBEAL E SEXTON, 2010, *trad livre*).

É neste sentido, portanto, que o método da narrativa livre de memórias de vida se transforma em uma intervenção em si, e com grande potência terapêutica. Entendemos, assim, que o ser humano significa o mundo e a experiência discursivamente, sendo a narrativa um organizador da dimensão caótica da vida como consideram Medina (2003) e Künsch (2006). Ao estruturar a narrativa do acontecido de maneira coerente, o narrador elabora a experiência passada de forma menos desestruturante de seu cotidiano presente. Além disso, Pennebaker observa que, desde o momento em que os sujeitos narradores são capazes de elaborar melhor o sucedido, passam a ser observáveis melhorias significativas em sua saúde física e em seu bem-estar (PENNEBAKER, 2000). O ato de contar e recontar experiências parece produzir uma condição facilitadora de reestruturação do universo singular. Entenda-se aqui esta reestruturação como elaboração, não se pautando na ideia de organização de forma pura, mas trazendo em sua compreensão a própria desordem como parte da ordem da vida.

Enquanto narra, a memória se produz. Enquanto narra, o/a narrador/a lembra. Assim se constroem os fios da memória: “uma lembrança puxa a outra”. E narrar contribui para, no processo mesmo em que se produz a narrativa, trazer à vida presente situações e experiências selecionadas para serem revividas, de novo e de forma diferente (CARVALHO e COSTA, 2011, p. 64).

Narrar seria, então, uma oportunidade ímpar de lembrar, de não deixar esquecer, de “produzir-se a si próprio na memória alheia enquanto sujeito cognoscível e memorável” (CARVALHO e COSTA, 2011, p. 68).

Por outro lado, há também no processo de narrar a possibilidade

de favorecer não só a lembrança, mas o esquecimento. Tanto o esquecimento descansado de quem já lembrou e, portanto, já “pode esquecer”, quanto o esquecimento recortado de quem, ao lembrar, deixou de lado partes da lembrança, jogando-as ao esquecimento (CARVALHO e COSTA, 2011, p. 68).

Nas palavras de Walter Benjamin, “se consideramos a dor uma barreira que bloqueia a corrente da narração, podemos ver claramente que ela se quebra quando o declive é suficientemente acentuado para arrastar tudo que encontra em seu caminho em direção ao oceano do venturoso esquecimento” (BENJAMIN, 2002).

Entendemos que a memória se produz, em parte, também pelo esquecimento. O esquecimento não surge como oposto à lembrança, mas como parte do processo de produção de memória. Esquecer determinadas passagens da vida e “ser esquecido” (por situações, pessoas e lugares) é parte inerente do processo de lembrar e produzir memórias. Não há lembrança sem esquecimento. A produção da memória é, necessariamente, um processo de edição da própria história, com recortes e relevos criados pelo narrador. Entendemos aqui que o esquecimento, assim como o riso, o choro, a lembrança, a transformação da experiência e tantos outros elementos presentes na produção de memória, não têm um foco definido. Desta forma, pode referir-se às experiências diversas, inclusive às traumáticas.

Künsch (2006) afirma que a edição da memória narrada organiza as informações conforme as regras do meio e conforme a lógica do editor que, no caso, é formado pela dupla narrador/a-ouvinte. A narrativa livre é, portanto, editada pelo/a narrador/a, e o poder de edição pode conter também um forte apelo terapêutico. Cabe lembrar que muitas vezes a narrativa constrói pontes e redes entre fatos novos e velhos, produzindo respeito à diacronia, reconhecimento da sincronia e, em alguns casos, se licenciando criações anacrônicas (COSTA, 2008). Nesta perspectiva, podemos compreender quão potente pode ser a atividade de narrar livremente suas memórias, sem compromisso com a “cronologia”, com a “coerência” ou com a “verdade”. Isto não significa dizer que serão selecionadas apenas vivências maravilhosas. Também não significa dizer que as experiências traumáticas terão sempre lugar de destaque nas narrativas. Significa, antes, que essas e outras estratégias são formas possíveis — e não mutuamente eliminatórias — de se produzir memórias de vida: a partir de fatos do cotidiano, não necessariamente grandiosos, mas significativos no momento ímpar em que o narrador se propõe a narrar. Narrar o cotidiano, do presente e do passado, traz a oportunidade de, ao narrar, interferir naquilo que caracteriza o cotidiano narrado: potencializar memórias, apagar memórias, transformar memórias. O momento da narrativa, por ser livre, parece produzir um lugar de Encontro, momento em que, estando juntos, duas ou mais pessoas produzem algo diferente daquilo que fariam sozinhas, e de onde saem

transformadas não umas pelas outras, mas todas pelo encontro em si. Para Medina (2003) e Künsch (2006), a narrativa é uma das respostas humanas diante do caos, acrescentando sentidos mais sutis à arte de tecer o presente. “O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural — a narrativa — o ser humano não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as invisibilidades da vida” (MEDINA, 2003, p. 47-48).

- **Encontros entre Walter Benjamin e Beatriz Sarlo**

Beatriz Sarlo se debruça sobre a vida, a época e a obra de Walter Benjamin para extrair dela, especialmente, o “método benjaminiano”. Segundo a autora, Benjamin “constrói um conhecimento a partir de citações excepcionais, e não só de ‘séries de acontecimentos parecidos (SARLO, 2013, p.35). As evidências históricas se constituem em elementos centrais para iluminar os cenários atuais. E, para Benjamin (1987), as formas de conceber a verdade histórica passam pelo conhecimento que se adquire através de narrativa.

Benjamin (1987) e Sarlo (2013) se apresentam como importantes interlocutores nos estudos da narrativa. O primeiro denuncia a fragilidade da troca de experiências, ameaçada pela informação. Somos capturados por uma avalanche de informação, todos os dias, a todo o momento, prejudicando a escuta sensível. Para Benjamin (1987), “se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio”. A narrativa depende de um imaginário que se constrói no encontro entre ouvinte e narrador. Já a informação chega quase pronta, sem precisar trabalhar o imaginário dos sujeitos para que se conheça.

Beatriz Sarlo (2007) toma os relatos testemunhais como discursos narrativos, porque é inevitável que nestas narrativas, a condição de narrador, implicado que esteja aos fatos do passado, não persiga uma verdade externa quando ela é enunciada. Como afirmava, ancorada em Benjamin, seria inevitável conceber a marca do presente no ato de narrar o passado porque, no discurso, o presente tem uma experiência fenomenológica do tempo presente da enunciação. Assim,

“reconstruir o passado de um sujeito ou reconstruir o próprio passado, através de testemunhos de forte inflexão autobiográfica, implica que o sujeito que narra (porque narra) se aproxime de uma verdade que, até o próprio momento da narração, ele não conhecia totalmente ou só conhecia em fragmentos escamoteados” (Sarlo, 2007)

Sarlo (2007) e Frochtengarten (2005), ao estudarem o evento mundialmente traumático do holocausto, lembram que algumas experiências precisavam ser registradas. Mas como, se quase não havia registros imagéticos de muitas das histórias vividas? Como, se na sistematização das entrevistas, os números reduziam

as experiências e os detalhes singulares das narrativas se perdiam? Por motivos como este, — principalmente a partir da década de 1970 — o testemunho voltou a ser requisitado pelas ciências sociais enquanto método legítimo.

Eis, neste período — e envolto por inúmeras constatações acerca da falibilidade do dado sistemático como fonte única de dados — o retorno da narrativa oral de história de vida como ferramenta científica de coleta de dados, assim como vários outros métodos não-objetivos até então desconsiderados enquanto métodos científicos (COSTA, 2008). Posteriormente, a narrativa aparece também através da crescente preocupação com pessoas comuns e os modos pelos quais entendem suas próprias experiências, suas vidas, seu mundo.

O mesmo processo se dá na sociologia, na pedagogia e na antropologia. O uso da narrativa de memórias de vida vem sendo uma ferramenta cada vez mais reconhecida no meio acadêmico — com diferentes nomes, mas com métodos bastante semelhantes —, principalmente por sua capacidade de alcançar aspectos de situações vividas que outros métodos de coleta dificilmente alcançariam. Atualmente, “o lugar espetacular da história oral é reconhecido pela disciplina acadêmica que, há muitas décadas, considera totalmente legítimas as fontes testemunhais orais” (SARLO, 2007). Além disso, a memória oral favorece a escuta de sujeitos que, de diferentes formas, foram excluídos dos processos de produção da história oficial.

A história oral possibilita que indivíduos pertencentes a categorias sociais, geralmente excluídas da história oficial, possam ser ouvidos, deixando registradas para análises futuras suas próprias visões de mundo, bem como as visões do grupo social a que pertencem. E mais: através da história oral podemos gerar fontes de documentação e pesquisa, por meio do registro, transcrição, edição dos depoimentos e testemunhos colhidos durante a pesquisa (COSTA, 1998, p. 8).

Muitas vezes, este processo sucessivo de exclusão de memórias na oficialização da história acaba por excluir também os registros mais significativos da experiência e da leitura da história, em muitos e diferentes grupos.

Para Benjamin (1987), o narrador se destaca como alguém que sabe dar conselhos no campo da troca de experiências. Através de processos de troca, narrador e ouvinte participam de um encontro único de formação de compromisso, onde quem narra e quem ouve transformam-se mutuamente e produzem novos espaços de existir.

A maneira como contamos uma história, naturalmente abrindo mão de alguns detalhes e dando ênfase a outros - a depender de quem é nosso ouvinte, torna mais fácil gravar na memória do ouvinte aquilo que se narra e que, a seu modo, o ouvinte assimilará com propriedade, tomando-a como sua própria memória e experiência.

Assim, o ouvinte poderá, um dia, ceder à inclinação de recontar a história um dia. Em se tratando de narrativas em saúde:

“(…) a narração que um doente faz ao médico, no início do tratamento, pode tornar-se o começo de um processo de cura. Surge, assim, a questão: a narração não criaria, muitas vezes, o clima apropriado e a condição mais favorável de uma cura? Não seria toda doença curável se ela se deixasse levar pela correnteza da narração até a foz? Se considerarmos a dor uma barreira que bloqueia a corrente da narração, podemos ver claramente que ela se quebra quando o declive é suficientemente acentuado para arrastar tudo o que encontra em seu caminho em direção ao oceano do venturoso esquecimento. O afago desenha um leito para essa correnteza” (BENJAMIN, 2002, p.114-5)

Uma parte importante deste campo relacional, que será diferente a cada nova investida, ainda que se mantenham os mesmos ouvinte e narrador/a, é a dinâmica que endereça uma fala determinada a um ouvinte específico. É a oralidade, habilidade de transmitir pela experiência da palavra, que potencializa esse encontro entre narrador/a e ouvinte. A oralidade é um dos vértices da realidade, contada e recontada ao sabor dos encontros e surpresas da vida vivida. Ela extrapola a mera proposição de expressão da palavra falada, desenhando um modo de aproximação entre saberes de um determinado grupo social. Ao refletir sobre a oralidade, nos envolvemos com uma gama de aspectos referentes ao grupo, mas, sobretudo, ressaltamos seu valor central como elemento de promoção do conhecimento. O escritor e filósofo malinês, Hampâté Bá (1979), defendeu a prioridade de pensar a memória e a cultura a partir da oralidade. Em seus estudos sobre a riqueza simbólica dos contos de tradição oral africanos para a transmissão de saberes entre os povos tradicionais, reconhece este patrimônio imaterial como fonte de conhecimento tão importante como a cultura letrada.

Mais que dar testemunho da sua passagem pela vida narrando um trecho da sua história, cada narrador faz de si o templo de uma história maior e permite a transmissão às gerações futuras, a partir da tomada de posição. Há uma coesão entre palavra falada e formação de compromisso (HAMPÂTÉ BÁ, 1979). Seja qual for o ambiente, repensar a história através da potência das narrativas e de seus narradores é reafirmar a importância de cada um no processo de transformação social e manutenção das tradições. Jogo ambíguo, mas extremamente necessário na formulação do mundo em sua diversidade.

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

As experiências do “Minha Vida dá um Livro” ocorrem em diferentes frentes e campos de atuação. Se no contexto de pesquisas sobre memória e tradições, as

narrativas são tomadas como base referencial enquanto *fontes*, ficando para o/a pesquisador/a a tarefa de ordenar o dito, o visto, o acontecido. O “Minha Vida”, como é carinhosamente chamado, inscrito como projeto de extensão universitária, subverte o lugar de enunciação da história, na perspectiva de fomentar e apoiar reflexões sobre o tema, a partir da própria comunidade que fala. Descrevemos aqui algumas destas experiências, circunscritas na vida acadêmica enquanto atividades de extensão, pesquisa e assistência.

- **Comunidades tradicionais**

As comunidades tradicionais são compostas por grupos que vivem diretamente de sua relação com os recursos naturais, de modo indissociável de sua própria compreensão de comunidade e de espiritualidade. Os modos de organização destes grupos têm em comum o suporte material e espiritual da natureza, ou dos bens naturais. Historicamente distanciados das estruturas individualizantes cidades, a maior parte de seus conhecimentos se organiza, transmite e transforma a partir da oralidade e da memória. São, portanto, experiências de vida comunitária que têm seu eixo apoiado nas narrativas.

Nos últimos cinco anos, a frente *Comunidades Tradicionais* elaborou ações de produção e registro de narrativas com comunidades indígenas, de terreiro, quilombolas e caiçaras. Compartilhamos algumas experiências:

Três histórias

1. *Quilombo do Grotão (Niterói, RJ)*

O Quilombo do Grotão fica na região oceânica do município de Niterói (RJ), na base do Parque Nacional Serra da Tiririca. Assim como muitas outras comunidades quilombolas, esta é também constituída de uma família cuja chegada à cidade se deu no início do século XX, dentro do fluxo migratório Nordeste-Sudeste que o país viveu neste período. O casal fundador da comunidade – seu Manoel Lisboa e Dona Maria Lisboa – veio do interior do Sergipe, netos de negros escravizados nas fazendas daquela região. O deslocamento para Niterói ocorreu com objetivo de assumirem trabalho na fazenda Engenho do Mato, onde trabalharam por muitos anos, em troca de casa e comida, com pouco ou nenhum direito trabalhista. A proprietária da fazenda, reconhecendo sua falência e ameaçada pelos direitos trabalhistas que começavam a ser debatidos pelo meio rural nos anos 1960, fez uma carta de próprio punho deixando para os pretos de sua fazenda uma porção de terra, que incluía a própria plantação de bananas feita por eles. Com base nesta carta, a fazenda foi dividida entre os seis sitiantes. Os grileiros chegaram rápido,

seguidos da especulação imobiliária. A única família que resistiu a estas investidas foi a família do senhor Manoel e dona Maria. Viveram ali por décadas, plantando, colhendo, fazendo seus festejos, cuidando da sua saúde da família e cultivando sua espiritualidade no terreiro do avô que, após sua morte, passou-o à neta que levava o nome da avó – Mariazinha. A secretaria estadual de meio ambiente, reconhecendo o bom trabalho de conservação ambiental feito pela família, identificou que a área onde moravam estava muito bem conservada, podendo se confundir com a própria mata da serra, em contraste com todo o entorno onde a especulação imobiliária havia chegado, criando tanto grandes condomínios quanto ocupações desordenadas. Diante de tal constatação, esta mesma secretaria determinou pela saída da família Lisboa da região, para ali demarcar o perímetro de uma unidade de conservação – o Parque Estadual Serra da Tiririca. A partir daí, a família passou a buscar meios legais que garantisse seu direito de permanência. O projeto “Minha Vida dá um Livro” chegou ao Quilombo em 2015, através de ações de assistência na área sociocultural (estágio em terapia ocupacional) e de extensão. As narrativas contavam esta história e incluíam a carta da proprietária da fazenda, certidão de casamento dos avós, fotografias antigas da região, recortes de jornal. A partir destas narrativas e documentos a elas anexados, a pedido da própria comunidade, foi possível organizar um dossiê; este dossiê respaldou a produção do laudo que foi levado à Fundação Cultural Palmares, junto com a carta de autodeclaração e pedido de reconhecimento certificação.

A certificação da Fundação foi publicada em 2016 no Diário Oficial da União, dando início a uma longa trajetória desta família, que passou a se integrar às políticas regionais e nacionais voltadas ao povo quilombola, identificando-se aos poucos com esta denominação, uma vez que até então sua identidade de pertencimento se definia como família do campo, ou agricultores familiares.

2. Aldeia Guarani Mbya Ara Howy

A aldeia Ara Howy fica na mesma serra do quilombo, Serra da Tiririca, porém do outro lado, na porção que pertence à Maricá. A maior parte das aldeias guaranis do Brasil voltou ao território originalmente ocupado por este povo durante o período de refluxo migratório guarani (retorno ao território brasileiro após a constituição de 1988, após décadas de retração devido à violência). O povo guarani é nômade, fixando e levantando aldeias ao longo de uma vasta área que vai do Mato Grosso do Sul, ao Paraguai, Argentina, Uruguai e litoral brasileiro do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo. Durante o período em que estiveram em retirada e recolhimento – evitando as violências que sofriam no Brasil – estiveram concentrados nas fronteiras com Argentina, Uruguai e Paraguai. O “Minha Vida dá um Livro” chegou à esta

aldeia por meio da pesquisa, através de uma mestranda de origem espanhola. Na aldeia a língua principal é o guarani. A maior parte das pessoas usa pouco ou nada o português. Tendo vindo das fronteiras sul do Brasil, falam também um pouco de espanhol. Reconhecendo a relevância da narrativa, e ao mesmo tempo a dificuldade de comunicação pela oralidade, a relação entre a pesquisadora e a aldeia se deu tendo como marco de fronteira a língua, e como ponto de encontro o uso da imagem. Usando parcialmente português e parcialmente espanhol, se comunicavam brevemente. A pesquisadora identificou que as mulheres da aldeia, por falarem menos o português e o espanhol, se constrangiam por falarem *portunhol rudimentar*. Sendo a pesquisadora de origem espanhola, isso as aproximou, pois esta era também a forma de comunicação que ela usava. Aos poucos, identificaram o uso da fotografia como recurso que trazia elementos narrativos aos quais não acessavam habitualmente. As imagens fotográficas provocavam a fala e superaram o constrangimento inicial. Durante um ano a pesquisadora morou nas vizinhanças da aldeia, ensinando a mulheres guaranis o uso da máquina fotográfica profissional e dialogando com as mulheres fotógrafas sobre seu cotidiano, narrado através de suas fotografias. Não apenas o cotidiano presente surgiu, mas também cotidianos passados, fotografias montadas para reproduzir imagens guardadas na memória, advindas de um passado já distante. A fotografia, assim, não era em si uma narrativa. Ao contrário, se colocava como elemento disparador, provocador da narrativa – que vinha numa enxurrada verbal, gestual, tonal – para compor, junto com a imagem, a cena. O recurso da fotografia colocou estas mulheres e suas narrativas no circuito artístico indígena e abriu espaço para suas narrativas.

3. *Vó Procópio e o Quilombo Kalunga*

O quilombo Kalunga reúne 32 comunidades quilombolas e foi um dos primeiros territórios demarcados após a constituição de 1988. Fica em Goiás. O “Minha Vida” chegou à comunidade de Cavalcante, do Quilombo Kalunga, através da pesquisa e da extensão. Por meio da pesquisa de pós doutorado, feita no contexto do Programa Encontro de Saberes da UNB (Universidade de Brasília), uma pesquisadora recebeu o convite para ajudar a organizar as memórias de sua matriarca. As memórias, neste caso, já estavam registradas pela neta, que fez desta produção seu trabalho de conclusão de curso, na graduação em Educação do Campo. O convite então era de, através do projeto “Minha Vida dá um Livro”, rever o material para de fato gerar um livro. Os encontros presenciais com a neta e com a avós foram poucos. As conversas por áudio à distância deram suporte para o trabalho de organização do livro *Vó Procópio: Memória e resistência Kalunga*, feito a muitas mãos, muitas conversas, muitas risadas... e muita ousadia. Este é um

livro de memórias que, entre outras tantas ousadias, tem como autora principal uma senhora que, nas letras do papel, não foi alfabetizada.

- **Juventude(s) no Complexo do Alemão**

Narrar e ouvir histórias de vida faz parte do cotidiano de qualquer pessoa. Através da parceria estabelecida entre o Departamento de Terapia Ocupacional da UFRJ, a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro – SEEDUC - e a organização não-governamental Espaço Democrático de União, Convivência, Aprendizagem e Prevenção (EDUCAP) foram desenvolvidas ações extensionistas junto aos jovens no Complexo do Alemão. O projeto de extensão *Juventude(s): intervenções urbanas de arte-cultura no território* inserido neste território vem, desde 2015, intervindo com jovens através da oferta de oficinas de arte-cultura, buscando ampliar os repertórios educacionais e sociais para a formação em cidadania e direitos humanos.

Através do “Minha Vida dá um Livro”, procuramos desenvolver narrativas sensíveis como ferramentas metodológicas utilizadas no trabalho com a juventude urbana, levando em consideração a realidade pessoal-social, compreendendo o universo da escola e do bairro como territórios complexos de interações e interconexões. Em um mundo em que a possibilidade de troca de experiência está profundamente marcada pela velocidade com que as informações nos atravessam, parece imperativo e urgente pararmos nossas vidas para ouvir o outro, as suas histórias e o que os move diante dos acontecimentos (Benjamin, 1987).

No dia que eu nasci meu pai não estava em casa por causa do futebol, minha mãe ligou para ele. Então ele foi encontrá-la e depois foi para o cartório registrar. Nisso ele passou em casa e encontrou meu vizinho, que disse: - E aí, nasceu? Qual vai ser o nome? - A mulher quer Shaiani”, disse ele. E respondi: - Não, tem que ser Maria Flor, combina com a irmã dela Maria Terra. Aí, ele chegou no cartório e colocou **Maria Flor**. Eu sempre procurei me inspirar em quem me passasse conhecimento e sempre foram meus professores. Então eu tenho esse diferencial, essa sede demais de querer saber e entender as coisas (Maria Flor).

Fui criada pelos meus avós. Tentei morar com a minha mãe, mas não consigo ficar longe deles e da minha tia. Essa minha tia ajudou meus avós a me criar. Hoje ela tem duas filhas que eu ajudo a cuidar. (...) Qualquer lugar pra mim tá bom se eu estiver com minha avó. É só me adaptar (Júlia).

Jovens, num mesmo território, produzem subjetividades distintas devido às suas vivências. Tivemos a oportunidade de produzir narrativas com jovens, fossem elas no contexto da escola ou no próprio território. Notamos a singularidade de cada

um na forma de existir num mesmo território, na construção de suas subjetividades e nos resgates de suas memórias.

Assim Maria Flor, Júlia e tantos outros jovens que ouvimos expressam os seus territórios habitados em uma singularidade expressa através de narrativas sensíveis. Ouvimos porque encontramos narradores e narradoras dispostos a narrar suas experiências de amor, de amizade, de conflito e de interesses. Ao se depararem com suas próprias histórias, jovens reelaboram as suas experiências dando novos contornos e significados àquilo que foi experimentado no cotidiano, o que envolve as dimensões afetivas, econômicas, políticas, culturais, religiosas no decorrer da vida.

• **Narrativas em Saúde**

Uma das queixas principais dos usuários em relação ao atendimento em saúde é o fato dos profissionais envolvidos no atendimento não terem disponibilidade de escutar o que eles têm a contar e se concentrarem apenas nos aspectos técnicos da doença em questão. Existem trabalhos mostrando que médicos interrompem as narrativas cerca de 18 segundos após o usuário começar a contar o que o fez procurar atendimento (PHILLIPS e OSPINA, 2017) . Essa queixa não se restringe à equipe médica, mas têm sido mais direcionadas a esses profissionais. Sendo assim, o “Minha Vida dá um Livro” tem tentado trabalhar com uma escuta diferenciada entre estudantes de medicina e médicos no encontro clínico, que ocorre entre usuário e profissional. Se nem sempre conseguimos realizar a obtenção completa da narrativa dentro do dia-a-dia do atendimento em saúde, a perspectiva da escuta atenta utilizada na produção das histórias de vida nos permite trazer para a prática clínica essa possibilidade de uma escuta diferenciada e do seu potencial diagnóstico e terapêutico.

A própria organização estrutural da escola médica e de seus documentos demonstra o olhar predominantemente técnico quando, ao falarmos da anamnese, é oferecido ao estudante o preenchimento desse encontro através da “História da *doença* atual” e não a história do *adoecimento* atual, onde haveria um olhar privilegiado ao processo pelo qual aquela pessoa estivesse atravessando no curso do seu adoecimento. Enquanto a doença descrita nos livros técnicos tem sempre o mesmo aspecto, suas manifestações clínicas variam de paciente para paciente e principalmente são variadas as repercussões sociais, psíquicas, financeiras, familiares em cada indivíduo.

Quando falamos em “Narrativas em Saúde” estamos trazendo para a área clínica a possibilidade de uma escuta atenta, uma tentativa de escuta radicalmente interessada no que está sendo contado e também no que não está sendo dito. Assim como a literatura se diferencia de textos técnicos pela presença de

ambiguidades, silêncios, entrelinhas, metáforas, também numa entrevista em saúde existem todos esses elementos. A anamnese atual, registrada de uma maneira pretensamente objetiva e fria, empobrece a experiência e não permite a apreensão dessa experiência em toda sua complexidade.

Cabe aqui uma pausa para reflexão. A anamnese... O que é? *Mnese*, em grego, é memória, de onde deriva a palavra *amnésia*, ou perda da memória. Assim, a *anamnese* seria o recurso para a não-amnésia, não perder a memória. Uma ferramenta para registrar o que não deve ser esquecido. E quem define o que é importante, na história de uma pessoa e em sua relação com um processo de adoecimento? O que deve ser registrado, o que não pode ser esquecido? O “Minha Vida” propõe um percurso diferenciado, escapando dos protocolos fechados de *anamnese* e caminhando junto com o usuário em suas narrativas de vida.

Esse processo diferenciado de escuta é acompanhado de uma escrita que posteriormente é compartilhada com o próprio usuário para que, a partir daí, ele possa ouvir sua história, verificar se o que foi efetivamente registrado representa o que foi contado, propor alterações, editar sua história.

No campo da *assistência*, a produção de narrativas apoiada em uma escuta sensível pode configurar uma tecnologia de cuidado e acompanhamento. Vamos apresentar aqui dois exemplos em que uma escuta atenta por parte do profissional de saúde foi capaz de perceber nuances antes não registradas.

Exemplo 1: um usuário de 50 anos, atendido em várias especialidades permanecia com múltiplas queixas que não apresentavam correspondência em seu exame clínico ou exames complementares. Durante uma consulta mais demorada e atenta, com produção de narrativa com o usuário e sua esposa ficou-se sabendo que aquele homem, aparentemente saudável, tranquilo, com um bom emprego, havia perdido seu único filho havia cinco anos e que não queria nunca falar desse assunto, com a certeza que isso em nada contribuía para a sua situação clínica. Apesar de um extenso prontuário, essa informação não estava registrada. Nossa opinião era de que havia relação entre essa perda e seus sintomas. Então nos deparamos com a seguinte situação: achávamos que tínhamos localizado um ponto importante dentro da narrativa daquele usuário que pudesse justificar suas queixas, mas não tínhamos ainda como continuar nenhuma intervenção em parceria, pois não havia ainda disponibilidade interna daquele homem para levar adiante um novo processo de abordagem para seus problemas. Esse exemplo foi trazido para que seja reconhecido que a abordagem através das narrativas tem também seus limites e seu sucesso vai depender sempre de uma disponibilidade de narrador e ouvinte se envolverem generosa e genuinamente no processo.

Exemplo 2: Uma usuária de 80 anos retornou à consulta com sua filha para um parecer cardiológico, após três anos. A usuária era bastante introspectiva,

falava olhando pra baixo e apresentava a mesma queixa clínica da última visita, sem agravamento ou melhora, com o exame físico e complementares também sem alterações. Ao rever o prontuário, bastante volumoso, foi encontrado o registro feito da consulta inicial. Optamos por ler em voz alta o que havia sido registrado. Essa é uma prática sempre realizada no “Minha Vida dá um Livro”, mas que no dia a dia das consultas muitas vezes não conseguimos. Lemos para as duas o que havia sido escrito e havia o relato de um “certo grau de desconforto” familiar porque a senhora morava com a filha e três netas e havia muitas diferenças culturais entre elas. As duas reagiram rapidamente, negando que isso acontecesse. As outras observações em forma narrativa não foram contestadas. Ao longo da consulta, estudantes e professora foram percebendo mais uma vez esse desconforto e a questão foi recolocada com sensibilidade para as duas, que agora, já mais tranquilas e acolhidas concordaram haver áreas de atrito. Ao final, a usuária saiu sem qualquer prescrição medicamentosa, deu algumas risadas e houve um comprometimento de mãe e filha para realizar algumas pequenas mudanças no cotidiano buscando benefício para o convívio e para a própria saúde da usuária.

Nesses dois exemplos percebemos que uma escuta atenta e sensível, com disponibilidade do/a profissional pode contribuir para o cuidado em saúde e sua potência será tanto maior quanto maior a disponibilidade das partes envolvidas em se envolverem em um processo diferenciado de cuidado, que dê atenção não só aos aspectos clínicos do adoecimento mas também as processos subjetivos e de intersubjetividades envolvidos.

No bojo das ações relacionadas à promoção da saúde, temos ações voltadas à saúde do trabalhador. Após ampla discussão sobre o binômio saúde-trabalho, a Seção de Educação e Promoção da Saúde da CPST criou um espaço de escuta dos servidores demonstrando a relevância dessas memórias acerca da história da universidade. Para muitos, desde a construção, a UFRJ era lugar de festas, brincadeiras, local de lazer para os trabalhadores e suas famílias. Através do “Minha Vida” temos colhido essas memórias, na condição de ouvinte, possibilitando aos servidores refazer o caminho de suas memórias livremente. Nesse movimento, escreve-se, em parceria, a história dos invisíveis da UFRJ. As intervenções demonstram a valorização das memórias, mas também as potências dessas histórias na vida de quem narra. A dinâmica desses encontros mobilizou a criação de um banco de memórias dos comuns, os não notáveis, já que muitos não têm seus nomes impressos em placas ou preenchem o *currículum lattes*. E, assim, vamos criando uma rede de pertencimento entre estes servidores.

O ‘Minha Vida’ é uma oportunidade de aproximação diferente com os trabalhadores da universidade, uma extensão para dentro, em especial daqueles que têm a UFRJ como sua “segunda casa”, funcionários com duas, três, quatro

décadas de trabalho, que estão próximos à aposentadoria e cujas reminiscências biográficas se confundem com a história da universidade. Nestes encontros narrativos de memórias revividas, reconstruídas, recriadas - ou melhor, vivenciadas, elaboradas, produzidas nos nossos encontros - exercitamos nosso potencial de contar, escutar, escrever e reescrever histórias, destacando a dimensão social e ética de uma vida laboral passada em almoxarifados, laboratórios de pesquisa, setores de manutenção, de pessoal, atendimento ao público, salas de aula, arquivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - A NARRATIVA E A VIDA: NO CAOS O COSMOS?

O “Minha Vida dá um Livro” considera, assim como Medina (2003) e Künsh (2006), que a narrativa seria uma possibilidade de o ser humano se organizar diante do caos. Entretanto, o caos (a desordem) ao qual nos referimos não é aquele caracterizado enquanto oposto ao cosmos (a organização). Caos e Cosmos, portanto, se constroem *num continuum*, a partir de movimentos de crise e organização nos diferentes universos, inclusive naqueles que se produzem na vida cotidiana dos sujeitos. É nesta leitura contemporânea da relação entre caos e cosmos que entendemos ser a narrativa um recurso de enfrentamento cotidiano. Esta perspectiva do Caos e do Cosmos favorece a compreensão da potência cósmica da narrativa de memórias de vida. Cósmico aqui tem o sentido de organizador, não pressupondo uma organização que elimina o Caos, mas produz um diálogo possível entre Caos e Cosmos, favorece o movimento e a vida e entende o equilíbrio enquanto processo inerentemente dinâmico, dialógico.

Desta forma, os processos de narrativa de memória de vida podem ser compreendidos como facilitadores do movimento necessário à dinâmica entre Caos e Cosmos, promovendo possibilidades de reorganizar experiências e produzir vida.

O projeto “Minha Vida dá um Livro” é um convite, uma pergunta que fazemos e que nos fazemos todos os dias no exercício de nossas funções. É uma aposta ousada na direção do outro, este outro que pode facilmente ser fragmentado, fagocitado pelas engrenagens hegemônicas do pensamento. Ao mesmo tempo em que nos possibilita o diálogo com a formação acadêmica, produzindo novas tecnologias, nos convoca à não conformidade com os discursos totalitários, nos fazendo, cotidianamente, olhar a vida e o trabalho na universidade como potências criadoras de sentidos. Nesse movimento, nos reinventamos, como coletivo, como indivíduos comprometidos com uma prática ético-política que se fortalece na voz e no gesto do outro. Desafio reiterado de contar e recontar melhores histórias sobre a vida e o viver.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: Magia e técnica, arte e política - Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense: 1987.

BENJAMIN, Walter. **Narrativa e cura**. *Jornal de Psicanálise*. V 35, n 64/65, p. 114-115. 2002.

CARVALHO, Emilio Nolasco de; COSTA, Samira Lima da. **As potências da narrativa**. In: LOPES, Kleber Jean Matos; CARVALHO, Emilio Nolasco de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes. *Ética e as reverberações do fazer*. Fortaleza, CE. d UFC: 2011. P 60-73.

COSTA, Icleia Thiesen M. **Fragmentos discursivos de bairros do Rio de Janeiro: comentários**. Rio de Janeiro, RJ: UNI-RIO, Curso de Mestrado em Memória Social e Documento, 1998.

COSTA, Samira Lima da. **Os sentidos da Comunidade: construções intergeracionais de memória coletiva na Ilha das Caieiras, em Vitória – ES**. Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. 2008.

DAVISON, Kathryn P, PENNEBAKER, James W., DICKERSON, Sally S. **Who Talks? The social psychology of illness support groups**. *American Psychologist*. V. 55, n 2. P. 205-217. Fev/2000.

FERREIRA, Laura Bettencourt Tomás. **A Organização Narrativa em Adultos**. Tese de Mestrado em Psicologia / Psicologia Clínica. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. Portugal. 2007. 142p.

FROCHTENGARTEN, F. **A memória oral no mundo contemporâneo**. *Estud. Av.*, São Paulo, v. 19, n. 55, 2005.

HAMPÂTÉ BÁ, Amadou. **A Palavra, Memória Viva na África**. In: *A África e sua História*, Correio da UNESCO, Rio de Janeiro, n 10-11, 1979.

KÜNSCH, Dimas A. **Narrativa Jornalística e Reconstrução do Cosmos**. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2006 (Brasília, 6 a 9 de setembro de 2006). Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1091-2.pdf>

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. 2ª edição. São Paulo: Summus, 2003.

PENNEBAKER, J. W. (2000). **The effects of traumatic disclosure on physical and mental health: The values of writing and talking about upsetting events**. In J. M. Violanti, D. Paton, & C. Dunning (Eds.), *Posttraumatic stress intervention: Challenges, issues, and perspectives* (p. 97–114). Charles C Thomas Publisher.

PENNEBAKER James W, Graybeal Anna, Sexton Janel D. **The role of story-making in disclosure writing: the psychometrics of narrative**. October 2010. *Psychology and health* 17(5):571-581. DOI: 10.1080/08870440290025786

PHILLIPS Kary A, OSPINA Nayky Singh. Physicians interrupting patients. *JAMA*. 2017;318(1):93-94. doi:10.1001/jama.2017.6493

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARLO, Beatriz. **Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aceitação 1, 48, 51, 53, 54, 55, 126, 178, 220, 226, 228, 229, 231, 232

Acne 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Alcoolismo 211, 215, 216, 217

Aleitamento materno 75, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94

Atividade física 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34

Autocuidado 95, 96, 97, 102, 103, 118, 119, 120, 127, 128

B

Bandeamento G 11

Bebida vegetal 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56

C

Câncer 49, 76, 87, 118, 128, 176, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197

Cariótipo 11, 13, 15, 16, 19

Castanha-do-Brasil 48, 53, 54, 55, 56, 57

Citogenética 11, 12, 14, 17

Códigos de ética 36, 38, 39, 40, 43

Cuidados paliativos 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46

Cupcakes 220, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

D

Desmame precoce 75, 77, 78, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93

Diabetes 3, 5, 7, 87, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 213, 216, 217, 221, 232, 259

Direito à saúde 167, 176, 177, 179, 184, 185

Diretivas antecipadas 36, 37, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 47

E

Educação em saúde 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 132

Educação permanente 88, 92, 93, 198, 199, 201, 202, 203, 207, 208, 234, 241

Edulcorantes naturais 220, 222, 223, 231

Enfermagem 18, 19, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 58, 61, 64, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 80, 84, 85, 86, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 103, 104, 118, 120, 123, 124, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 163, 166, 238,

239, 244

Enfermeiro do trabalho 133, 135, 136, 139, 140, 142

Estomia 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 131

Estresse 49, 85, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 246, 248

F

Formação profissional 75, 79, 84, 91, 161, 201

H

Hemodinâmica 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 245

I

Isotretinoína 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

L

Lesões musculoesqueléticas 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207

M

Materiais de ensino 118, 122

Memória 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 153, 156, 158, 159, 160

N

Narrativas em saúde 144, 150

O

Obesidade 3, 5, 7, 22, 28, 31, 33, 76, 87, 195, 213

P

Pacientes oncológicos 176, 179, 180, 183

Pé diabético 95, 97, 101, 102, 103, 104

Planos de saúde 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184

Produção de narrativa 144, 156

Promoção da saúde 34, 41, 139, 157, 200

Proteína vegetal 48, 56

Psicodinâmica do trabalho 246, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258

R

Radiologia intervencionista 234, 235, 236, 237, 238, 240, 242, 244, 245

Radioproteção 234, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 243, 244

Raiva 105, 106, 107, 108, 111, 114, 115, 116, 117

Reações adversas 1, 3, 8

S

Saúde do trabalhador 139, 157, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 255

Saúde indígena 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219

Saúde mental 146, 215, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 258

Saúde pública 22, 23, 31, 74, 96, 105, 106, 108, 117, 130, 161, 166, 174, 175, 194, 197, 207, 208, 211, 216, 257


Sistema único de saúde 11, 14, 44, 45, 58, 59, 71, 162, 217, 255

T

Terapia intensiva 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 95, 133, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142

V

Vigilância epidemiológica 106, 107, 198, 201, 203, 255

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Saúde Coletiva:

Solução de Problemas e
Qualificação do Profissional 2

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Saúde Coletiva:

Solução de Problemas e
Qualificação do Profissional 2